

## Maurício Tragtenberg

Entrevistar Maurício Tragtenberg — ao contrário do que poderia aconselhar (mal), uma imagem de celebridade — foi uma lição de simplicidade. Conversamos durante horas e ele, de calção sem camisa, falava de sua infância, das “universidades da vida” que tanto o marcaram. Por trás de tudo, uma figura humana como eu, como você, lutando, tendo seus prazeres e suas procuras. Mas sobretudo — oh raridade! — alguém de bem com a vida, com suas idéias e com seus semelhantes.

**PORANDUBAS: Como tudo começou? Dizem que você foi garçon?!**

**Tragtenberg:** Nisso tudo tem um pouco de verdade e um pouco de fantasia. As versões são importantes mas a verdade é mais importante. Eu nasci em Erechim, no Rio Grande do Sul, no meio rural. Depois fui a Porto Alegre e daí para São Paulo onde morei com minha família no Brás e depois no Belenzinho. Ainda não tinha terminado o primário. Com a queda de Vargas surgiu uma movimentação muito grande e naqueles bairros, que são industriais, formaram-se Comitês Democráticos Populares (CDP) e também Centros de Cultura Social, estes no Centro da cidade. Os CDP eram abertos, embora o PCB tivesse maioria neles. Eu era mirradinho e ainda lembro de um operário espanhol, que me disse: “Prá você ficar forte, deve apoiar o PCB”.

Já os Centros de Cultura Social (CCS) eram mantidos por um pessoal libertário que se reunia ali na descida para a Praça das Bandeiras. Os Centros eram frequentados por alfaiates, pedreiros, sapateiros de várias nacionalidades. Havia também um grupo de teatro amador que encenava peças feita pelos membros dos CCS. Tinha por lá um sapateiro, o Pedro Catalo, que era uma grande cultura política: ele tinha umas 13 peças e dirigia o grupo de teatro. Nesta época estava com 13 anos e, como precisava trabalhar de dia, tinha deixado a escola, já que não havia cursos noturnos. Mas frequentava isso tudo.

Havia também uma Universidade Popular, na rua do Gasômetro, chamada Presidente Roosevelt. Lá havia cursos de Sindicalismo, História Política, além de Corte-e-Costura, Inglês, Datilografia, Desenho Mecânico e Industrial.

**PORANDUBAS: E quem mantinha esta Universidade Popular?**

**Tragtenberg:** Era o pessoal anti-facista da colônia espanhola, que também organizou o Centro Catalão e o Centre Republicano Democrático Espanhol. O Centro Catalão ainda tinha grupo de danças e música folclórica. Pois foi lá que eu aprendi a ler e falar catalão, sem nem saber português direito...

**PORANDUBAS: Qual é tua origem?**

**Tragtenberg:** Meu avô era um camponês vindo da Romênia, que estava sob hegemonia da Rússia czarista. Ele veio

para o Brasil com a colonização israelita, que se organizou em colônias de pequenos e médios camponeses no Rio Grande do Sul. Meu avô era um pequeno proprietário de terra que fazia exploração florestal, já que a lenha era fundamental numa época em que a “Maria-Fumaça” reinava nas ferrovias.

Na minha família falava-se russo e ídiche. Português, muito pouco. Esse bilinguismo, trilinguismo, traz vantagens e desvantagens. A vantagem é que, tive acesso a muitos autores clássicos da Revolução Russa e do marxismo, aos populistas russos, que são muito próximos dos populistas brasileiros. Através do ídiche conheci clássicos do marxismo, que eram divulgados pelo Partido Judeu Operário da Polônia e também por editoras fundadas por imigrantes poloneses nos EUA. Ainda existem dessas obras no Bom Retiro, em Centros Culturais Judaicos.

Mas, quando deixei Erechim e fui para Porto Alegre, o russo e o ídiche passaram a segundo plano e o português passou a ter mais importância.

**PORANDUBAS: Tua família influenciou nas tuas preocupações políticas?**

**Tragtenberg:** Pelo contrário. Se fosse pela minha família, talvez eu estivesse atrás de um balcão de loja de armários. Meu pai era um pequeno comerciante em vias de proletarização e tinha uma biboquinha que dava mais despesa que lucro.

### As Universidades da Vida

**PORANDUBAS: Mas estão, como é que você passou para o outro lado?**

**Tragtenberg:** Acontece que entre 1945 e 1950 eu morei no Brás, onde ainda existia uma cultura de bairro, coisa que a Comunicação de Massa já destruiu. No fim do dia, colocavam-se as cadeiras na rua, em frente de casa, e se ficava papeando com a vizinhança. Era uma ponte de cadeiras, como uma corrente que pegava a rua toda. Eu frequentava as coisas do bairro, os clubes: aí se tinha um clima geral de (perdão!) abertura. Se fosse hoje, o DSV fechava a rua...

Quando caiu a ditadura de Vargas, depois da 2ª Guerra, houve uma grande explosão social e os problemas políticos eram discutidos no meio da rua. No bairro, havia o Comitê Democrático, Sedes dos Partidos, o PCB tinha voltado à legalidade, tinha os Centros

# Dionisos na



Maurício e sua musa inspiradora (Beatriz, atuando em *Equipo Rei*)

de Cultura Social, um para cada colônia. Enfim, uma grande efervescência.

Com 15 anos eu trabalhava em “A Careta”, jornal semanal. Fazia de tudo: limpava a redação, fazia oficina, linotipia. Era um fedor desgraçado e eu precisava tomar muito leite. Este é um atavismo que vem daquela época. Todas essas coisas foram minhas universidades, bem como a família Abramo. Sobre o Athos Abramo, pai do Perseu.

O Athos era uma pessoa muito simples. Era contador e fazia contabilidade avulsa dos bares do Brás. Ele tinha uma grande cultura, política, artística. A família Abramo morava no número 425 da rua do Hipódromo. Eles moravam na casa da avó do Perseu. Lá vivia a Lélia Abramo, que traduzia telegramas em italiano para a agência noticiosa ANSA, antes de fazer teatro e estourar por aí. Havia ainda a Beatriz, que morreu de tuberculose óssea, e o Cláudio, que pintava por lá de vez em quando. Também tinha o Fúlvio, que é meu vizinho. Aos domingos, eu pintava por lá e fui entrando em contato com a cultura, com a língua italiana. Assim, eu recebi influência de várias culturas: espanhola anarquista do Brás; cultura

italiana da Família Abramo, que era socialista mas não anarquista.

Em nenhuma dessas Universidades eu ganhei diploma. A única que me diplomou foi a USP, onde não aprendi grande coisa, embora lá eu tenha sistematizado alguma coisa.

**PORANDUBAS: Você é autodidata?**

**Tragtenberg.** Os militantes de qualquer tendência eram todos autodidatas. Outra Universidade informal que frequentei foram os cursos gratuitos do Partido Socialista Brasileiro, no Centro da cidade. Lá o Antônio Cândido ensinava História do Brasil, tinha o Aziz Simão que me apresentou a Marx e também a Proudhon. Já naquele tempo ele não enxergava. Aziz é uma das pessoas de raciocínio mais lógico e lúcido que já conheci: ele ensinava sindicalismo. Pois eu vinha do interior, meio tímido e Aziz Simão me disse que não me preocupasse com coisas, como a roupa de domingo. Entretanto, além de bibliografia socialista, ganhei dele um terno de presente.

Outra Universidade foi a Galeria Prestes Maia, onde os trabalhadores se reuniam à noite, discutindo em grupos.

# Academia

Tinha gente de todo matiz ideológico. Às vezes apareciam políticos profissionais, fazendo discursos. Na Galeria conheci o Sacchetta, que editava o jornal "Orientação Socialista". Aliás, muito da minha cultura devo a jornalistas, como Flávio Abramo, Sachetta, Aristides Lobo, Mário Pedrosa (que editava no Rio o jornal de maior nível intelectual deste país, até hoje).

Em 1945 eu frequentava a sede do PCB, no bairro do Belém. Prestes acabara de sair da cadeia e lançou a palavra de ordem "Constituinte com Getúlio", enquanto que a expectativa era de que fosse desmontada a máquina repressiva criada pelo Estado Novo, tendo Filinto Miller à frente da Polícia. Pior. Prestes apoiou Adhemar para governador o qual, quando eleito massacrrou camponeses em Tupã. E Prestes estivera no comício do Anhangabaú em apoio a Adhemar... Isso balançou muito os militantes do PCB, que sofriam perseguição, davam o sangue. Havia muito burocrata preocupado mais em salvaguardar o cargo do que outra coisa. Os partidos tendem a se tornar cabide dos grandes burocratas, dos permanentes do partido. Mas este é o dilema de todos os partidos. A História mostra isso.

## O Drama do PT

**PORANDUBAS: O mesmo acontece com o PT?**

**Tragtenberg:** No começo eu me entusiasmei com a proposta do PT. Puxa vida, sempre tivemos no Brasil vanguardas sem retaguarda. O PCB só foi partido de massas entre 35 e 37 e entre 45 e 47. Fora disso, foi um partido de quadros, que podiam caber numa Kombi... No PS tinha mais intelectual que operário. Assim, o PT era uma esperança, de um partido que tivesse trabalhos. Hoje ele abriga a base sindicalista do ABC, várias tendências ideológicas e também a Igreja através das Comunidades de Base. O que me preocupa no PT é que não está muito claro o que ele quer politicamente. O grupo parlamentar do PT tem uma autonomia muito grande em relação ao Partido. Além disso, a luta parlamentar tornou-se caldo de cultura para o carreirismo político: nos comitês regionais, está um pega-prá-capar pela indicação de funções de controle da máquina partidária. Intelectuais de valor no PT, como o Éder Sader e o Marco Aurélio Garcia, declararam-se autonomistas, uma corrente que vai contra a burocratização dos partidos. Entretanto, o autonomismo vem desde a Primeira Internacional. Acho que ser autonomista hoje é abrir uma porta já aberta...

Mas a crise está obrigando os trabalhadores a se organizarem nos locais de trabalho, em comissões de fábrica. Assim, o trabalhador se APRESENTA e não apenas se REPRESENTA, o que lhe dá a vantagem de controlar a luta que ele leva adiante. Ninguém luta por você: se uma classe não se auto-organiza, ninguém luta por ela. Estas comissões de fábrica são uma coisa muito interessante que surge no movimento operário e também no meio bancário.

Todo este quadro coloca o PT numa encruzilhada de objetivos.

## ... E Entro Pra Academia

**PORANDUBAS: Como você entrou na USP?**

**Tragtenberg:** O trabalho no jornal era à tarde, o que me deixava tempo para frequentar a Biblioteca Municipal, todos os dias. Lá, encontrava Florestan Fernandes atrás de uma pilha de fichas: "é assim que se trabalha", dizia-me, atrás daqueles óculos. Eu via o Oliveiros Ferreira, o Antônio Cândido, que me chamou a atenção para a importância de Proust. Pois li Proust por 2 anos. Foi lá que conheci Anatol Rosenfeld, com quem almoçava em Píneiros, num restaurante português.

Num belo dia, o Antônio Cândido me sugere que apresente uma monografia à Congregação da Faculdade. Se fosse aprovado, entraria na USP sem precisar de Vestibular. Fiquei animado pois, sendo autodidata, carecia de sistematização. O autodidatismo é muito bom porque você aposta naquilo que mais profundamente te interessa. A USP sistematizou meus conhecimentos mas foi uma novidade total: eu não entendia por que universitário colava tanto... Para entrar na USP eu sistematizei tudo o que havia lido durante 12 anos e recebido das Universidades informais que frequentei. Saiu um livro, com um título pretencioso: "Planificação, Desafio do século 20". Assim, fiquei universitário em 1955 e me senti importante. Logo percebi que o drama da Universidade é que existem professores interessantes, que têm algo a dizer e outros que não têm nada a dizer. Havia também muito atividade estudantil, muita polêmica entre as várias tendências.

A vantagem da Faculdade de Filosofia na Maria Antônia é que o aluno tinha muitas opções, para fazer cursos com grandes professores e aprender realmente alguma coisa. As bibliotecas também eram muito boas e a gente tinha acesso a um material imenso.

Mas a vida de estudo passa logo.

## Das Águas até Rio Preto

**PORANDUBAS: Daí, você se tornou professor...**

**Tragtenberg:** Aí ocorre que, ainda quando eu estava na USP, pintou um concurso para escriturário no Depto. Águas e Energia Elétrica. Eu estava cansado do jornal e passei a fazer um trabalho burocrático que tinha as vantagens de ser meio-período e me deixar tempo para estudar. Lá vi coisas interessantes, como um estudo sobre a prioridade do sistema ferroviário de transporte (engavetado havia 20 anos) e também um estudo sobre a retificação do rio Tietê (datado de 1901).

Depois de formado, passei no concurso para professor do Estado e fui parar em Iguape, lecionar História da Educação na Escola Normal. Foi uma aventura: a coisa mais difícil era encontrar um sanduíche quente, o hotel fechava às 22 h. As professoras dormiam



no andar superior e os professores no térreo. Quando as moças resolviam lavar o chão, quem tomava banho era a gente... Fiquei dois anos em Iguape e depois fui promovido para São José do Rio Preto, onde passei a lecionar na Faculdade, que acabava de ser montada. Lá eu conheci o Flávio Di Giorgi e o Casemiro, que era professor de História da Educação.

O Casemiro é uma grande figura humana. Ele chegou a Vice-Reitor da PUC conservando a simplicidade de professor rural, sem ter perdido os seus valores numa terra onde aquele que usa terno e sapato engraxado é doutor. Uma vez, Casemiro me disse que a pessoa vale mais que os cargos que ocupa. Isso eu aprendi durante em 1964.

## Preso de Pijama

**PORANDUBAS: Eles também te pegaram?**

**Tragtenberg:** Tudo começou em 1963 com uma greve do magistério secundário em São Paulo. Foi a primeira greve na vida do magistério, que se juntaram o primário e o secundário. O pessoal não tinha muita cancha de mexer nisso e eu me senti na obrigação de deixar Rio Preto e ir a São Paulo dar força aos colegas. Afinal eu tinha também carreira no secundário. A sede da greve foi o Sindicato dos Bancários. A greve durou 25 dias e não foi brincadeira mantê-la. A gente entrava na sede às 6 da manhã e saía à uma da madrugada. No final, eu tinha perdido 8 quilos. Quando foi em 64 eu fui alvo de muita denúncia de professores por ter participado na direção desta greve. Isso pesou muito no Ato I de 64. Mas, se tivesse que recomeçar, faria do mesmo jeito.

A greve terminou em negociação, voltei a Rio Preto e quando chegou 64 fomos dar curso de extensão universitária na Delegacia de Polícia... Eles queriam saber o que se ensinava naquela Faculdade, se havia aulas de fazer e explodir bombas, técnica de guerrilha. Qual não foi a surpresa do Senhor Delegado quando informamos que ensinávamos Kant, Piaget e sobre "o processo de secularização na cultura brasileira"... O escrivão deve ter aprendido muito, pois datilografava tudo... A causa da prisão foi a denúncia de pro-

fessores de secundário da cidade, a prata da casa do clã local, que a seguir assumiu os cargos vagos na Faculdade, reduzida assim a uma escola normal.

**PORANDUBAS: Mas, você foi preso, teve livros apreendidos. Como foi isso?**

**Tragtenberg:** Eu não estava em Partido nenhum, mas sempre estive com minha classe. Em 64 foi implantado um regime de delação, em que vale tudo. A delação vira forma de mostrar poder, ou de pacificação interna de neuroses. Isso é muito profundo em épocas de crise. Houve professores delatando ex-alunos, colegas denunciando colegas. Na PUC mesma teve coisas terríveis, como um ex-professor fazendo patrulha de jipe para prender seus alunos.

Este foi um ano terrível. No meu currículo é o único em que nada está escrito. Fui demitido pelo AI-I, sem defesa e sem processo público. Só tive acesso a ele 8 anos depois. Até então não sabia por que, por quem fora demitido da Universidade de São José. Depois fui dirigir o noticiário internacional na Folha de S. Paulo.

**PORANDUBAS: Você tem carteira de jornalista?**

**Tragtenberg:** Nessa época ainda não havia a burocracia que exigia curso de comunicação. Muito jornalista começou como revisor. Aí a F.G.V. me contratou mas tenho um azar danado: veio um Ato retroativo impedindo os cassados de trabalharem em Fundação que recebe dinheiro do Estado. Já estávamos em 1970 e eu voltei a viver 64, só que estava mais tarimbado e não me emocionei tanto.

**PORANDUBAS: Por quê? Em 64 você se emocionou?**

**Tragtenberg:** Claro! Em 64 perdi tudo, tive um baque nervoso, fiquei 40 dias num hospital. Eu, com mulher e 3 filhos pagando casa e tendo perdido tudo. A Beatriz era professora e precisou assumir mais aulas. Fui detido por um professor que se dizia membro do serviço secreto do DOPS: eu estava de pijama, na biblioteca. O sujeito viu minha biblioteca e deve ter achado interessante pois levaram uns 200 volumes, que eu levei anos para recuperar. Achei muitos livros meus em sebos.

Aí eu tive o processo em mãos, entrei com uma ação judicial e o meu advogado, neto do Tristão de Athayde, conseguiu anular com uma única ação o AI-I e o Complementar 75. Fui reintegrado nos cargos deixando de ter estigma de cassado. Nesse ínterim fiz a tese de doutoramento sobre "Burocracia e Ideologia" e a de livre-docência sobre "Administração, Poder e Ideologia", pela UNICAMP.

## No Batente

**PORANDUBAS: E o jornalismo, acabou?**

**Tragtenberg:** Não. Eu estava preocupado em dar força ao movimento sindical. Aí eu consegui com o Ebrahim Ramadan, meu ex-aluno e diretor do

## Tragtenberg-(Final)

"Notícias Populares", uma coluna no jornal. Chama-se "No Batente" e se tornou uma caixa de ressonância daquilo que ocorre na linha de produção. Esta coluna é definida pelo Conselho de Redação da Oposição Sindical Metalúrgica, e sai na edição de quarta-feira e de domingo do NP. Esta coluna não me deixou rico pois como paga apenas ganhei a assinatura do "Notícias". No mesmo objetivo, eu sempre escrevo na página 3 da Folha de S.Paulo, só que aí a coisa é dirigida para a classe média, com outro código linguístico. Mas acho importante ocupar este espaço.

## PORANDUBAS: Mas você vai nas fábricas, sente o cheiro do povo?

**Tragtenberg:** Eu me reúno é com as comissões de fábrica, nas sub-sedes de sindicatos em vários locais. É aí que sinto o cheiro do trabalhador. Aí dificilmente você pode medir o retorno, que não é tão imediato. Tenho deparado com muita dissertação de mestrado que, sinceramente, vale por teses de doutoramento por aí. Na PUC também tenho participado muito em debates.

Acho que não se deva aparecer sempre. É preciso discutir seriamente esse problema do intelectual virar celebridade. Na medida em que a Universidade cultiva isso, ela reproduz o estrelismo da TV Globo, que deve ser combatido. Nesse ponto, o estudante é mais conservador do que se pensa pois só convida celebridades para debates. Pois tem muita gente que não tem título, nem tese, nem escreve na Folha mas que tem cabeça. Quando me convidam, tenho a preocupação de abrir espaço a lideranças operárias, comunitárias, que até vão no meu lugar e dão um banho em muitos professores e estudantes.

Então, como desmistificar o negócio de celebridade intelectual? Partir pra falsa modéstia é hipocrisia. É preciso abrir espaço para gente que, mesmo sem carisma intelectual, tem algo novo a dizer.

## Afetividade Política

## PORANDUBAS: Você que é tão carismático, tão dionisiaco, como você vê a afetividade para o intelectual?

**Tragtenberg:** Acho que a coisa vai muito da identificação do intelectual com uma classe social, com um projeto político. Por exemplo, eu aprendi mais com o operário do que ensinei algo a ele. Na minha coluna no jornal eu fui mudando minha forma de escrever, conquistando uma clareza decorrente da familiaridade com uma área e do inte-

resse em se comunicar com ela. Isso não é fácil pois "a clareza é uma vitória sobre o caos". Pois no meio acadêmico o grave problema é que se escreve texto para quem tem nossa formação, come três vezes por dia, tem bons dentes.

Outro problemas de identificação do intelectual é que ele oscila entre ser um crítico e ser um assessor do poder: é muito difícil conciliar os dois papéis. Já me aconteceu de o Paulo de Tarso, durante a campanha do Montoro, me convidar para se assessor do Secretário da Educação, caso eles vencessem. Eu, desligado pra burro, perguntei ao telefone: "De que partido você é? Do PT?". O Paulo respondeu: "Não, do PMDB". Aí eu disse, sem mentira: "Não, eu não estou em partido nenhum e não quero ter compromisso político". Não me arrependo de não ter aceito esta assessoria: com que cara eu ia olhar meus amigos da oposição sindical metalúrgica? A tal da afetividade aparece entremeadada com um compromisso político, que não está no papel mas no coração, com uma classe social e que exige de você uma coerência entre o que você fala e o que você faz.

## PORANDUBAS: E o teu sarcasmo significa significa o que? Tua gozação vai acompanhada de esperança ou de desesperança?

**Tragtenberg:** Acho que para construir você precisa ser discutido. É preciso criticar as estruturas de exploração, criticar o academismo universitário que se toma como um fim em si e também o código linguístico da Universidade que mantém a distância social. Entretanto, a crítica a isso tudo só tem sentido se estiver vinculada a uma ação construtiva.

O que chamo de ação construtiva? Eu não acho que a Universidade eduque: quem educa é a comunidade pois o saber tem origem coletiva, infelizmente privatizado pelos Institutos de Pesquisa, pelas Universidades. Mas o saber tem que voltar às origens. Uma das formas de retorno, que utilizo, é a colaboração na imprensa. Neste sentido, o Notícias Populares - porque é muito lido pelo trabalhador - é mais importante que a Folha. Meus artigos da Folha chegam ao trabalhador xerocados pelas instituições, pelos grupos. Já o NP vai diretamente.

## O Partido? A Classe?

## PORANDUBAS: Parece que você é um grande colecionador de bibliografias exóticas...

**Tragtenberg:** Não é bem isso. Eu fiz uma coleção de textos sobre marxismo heterodoxo, onde se defende a auto-organização dos trabalhadores, coisa que já acontece nas comissões de fábricas.

Esses textos são desconhecidos em detrimento de uma literatura - de Lenin, Trotsky, Stalin, Gramsci - onde se valorizou o Partido como o grande organizador da classe operária. Mas a História está mostrando que a vanguarda da classe operária é ela mesma que se organiza num processo de luta. Então minha idéia era editar aqueles textos, reconstruindo o passado em função do presente. Esses textos não são exóticos mas levantam outra dimensão da luta social e editá-los me dá muito prazer.

O que mais me dá prazer? Gosto demais de dar aulas. Vejo na Universidade uma super-valorização da pesquisa e uma sub-valorização da docência. Muitos professores de Pós deveriam voltar a dar aulas na Graduação, fotalecê-la: a única forma de ter um Pós sério é ter uma Graduação boa. Ainda outra coisa que me dá prazer é ver a Bia minha mulher, fazendo teatro. Fico muito contente quando vejo que ela consegue se auto-realizar no teatro.

## O Anarquista e a Família

## PORANDUBAS: Me diga uma coisa: como é que um anarquista como você educa os filhos?

**Tragtenberg:** Em primeiro lugar, não sou anarquista. Até hoje estão querendo descobrir o que eu sou. Se você está no Partido, é marxista; se você não está... é anarquista. Não é bem isso. Acontece que eu separo Marx do marxismo. Este, acentuou muito o papel do Partido e do Estado, o que o tornou legitimador de estruturas burocráticas. Eu acho que o anarquismo faz uma crítica importante à dominação, inclusive na relação pessoal no cotidiano. O anarquismo faz a crítica de um poder que não está só no Estado mas também nas Instituições, na relação cara-a-cara. Por isso respeito muito as opções de cada um dos meus filhos: o Marcelo foi estudar Física e agora mora em Santa Catarina com a companheira dele; o Lívio se orientou para a música; já a caçula, a Lucila estuda canto. Eu aprendi que educar é ter um interesse real pelo outro. Você não pode se obrigar a amar seu filho, o que acho uma hipocrisia desgraçada: você deve ter a liberdade de, no dia em que está com raiva dele (e vice-versa), dizer isso um para o outro. Ele pode dizer que você sacaneou nisso ou foi safado naquilo: esta é a base de se construir relações transparentes e saudáveis. Isso vale também para a relação marido-mulher. O grave problema entre pais e filhos é que 90% dos casos se regem pelo "sufoco" da tendência dos pais projetarem seus objetivos não atingidos nos filhos. O duro é você admitir que o

outro é uma diferença e não uma extensão tua: isso limita teu narcisismo. Ao respeitar o outro ele percebe que pode confiar em você, que você está lá não para dar ordens mas que alguém que diz: "seja o teu eu profundo, que eu estou aqui firme, para o que você precisar". Isso é o que eu procurei realizar com meus filhos.

## PORANDUBAS: Quem foi Hermínio Sachetta?

**Tragtenberg:** Ele foi uma de minha Universidades. Ele era um autodidata que fez apenas o ginásio e foi para o jornalismo. Durante a ditadura de Vargas ele cumpriu anos de prisão. Ele tinha entrado no movimento trotskista, que era um pequeno grupo. Sachetta tinha muito valor pessoal e muita coerência entre teoria e prática, coisa que raramente vi no intelectual universitário.

Ele educou toda uma geração de jornalistas. Foi através dele que eu comecei a ler os Clássicos do marxismo e a ver criticamente os Partidos Comunistas e a subordinação incondicional dos PCs do mundo à política exterior da União Soviética, especialmente durante o stalinismo.

## Quem És?

## PORANDUBAS: Como você se define? Professor? Jornalista? Ambos?

**Tragtenberg:** Olha, eu sou um professor com atividade jornalística. O jornal é uma forma de transmitir conteúdos, valores, assim como se faz na aula ou num livro. A transmissão pelo jornal é mais eficiente e imediata, tornando-se uma alternativa importante. Argumenta-se que o jornal não é tão permanente como um livro. Mas, quantos livros permanecem? Claro, o jornal parte do aqui-e-agora, porque senão não seria jornalismo. Mas, dependendo do tipo de conteúdo, há certa permanência no jornal. Os grandes políticos sempre escreveram em jornal: Lenin, Marx, Krotsky sempre escreveram ou fundaram jornais. Também 70% da obra política de Weber é artigo de jornal.

## PORANDUBAS: Você é religioso?

**Tragtenberg:** Não eu não tenho nenhuma tendência nesse sentido. Eu acho que os problemas da terra - que são os humanos - são tão complicados que não te dão tempo para você pensar em coisas extra-terrenas. Olha, graças a Deus eu não sou religioso.

(Agradecemos as dicas de Casemiro dos Reis Fº, Regina Orsi, Evaldo A. Vieira, Dóris, Flávio Di Giorgi, Carmem Junqueira, Paulo Resende. Valeu!)

## Mais Convênios

• **Centro de Educação:** O "Programa de Integração do Centro de Educação da PUCSP com Escolas do Sistema Estadual e Municipal de Ensino", desenvolve este ano 4 projetos, que receberão uma verba de 15 milhões. São eles: "Integração dos Estágios de Fonoaudiologia às séries iniciais das Escolas Municipais de 1º Grau em São Paulo", coordenado pela profa. Beatriz Scavazza; "Laboratório de Matemática para as primeiras séries do 1º Grau", coordenado pela profa. Anna Franchi; "Práticas Pedagógicas Alternativas para a Escola Pú-

blica de 1º Grau", coordenado pela profa. Silvia Russo; "Fonoaudiologia Educacional: um programa de capacitação do professor para o trabalho em linguagem", no Território de Roraima, coordenado pela profa. Beatriz Scavazza. Segundo o prof. Antonio Carlos Ronca este programa é muito importante por propiciar uma atuação no sistema oficial de

ensino e uma maior integração entre as várias áreas e departamentos da PUC.

• **Saúde Mental:** O Grupo de Saúde Mental do URPLAN, que já mantém convênios com a prefeitura de Osasco (Secretaria Municipal de Saúde e Promoção Social), iniciará nos próximos meses um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O Grupo

está mantendo contatos para ampliar esses convênios para a área estadual também, apesar das dificuldades que vem enfrentando no que diz respeito a um maior apoio da PUC para o seu trabalho que vinha sendo financiado por instituições internacionais.

• **Intercâmbio com a França:** Foi assinado convênio da PUC

com a Universidade de Mntpellier (França) para intercâmbio cultural, de professores e pesquisadores de todas as áreas de conhecimento. Interessados devem procurar a profa. Tânia Campos, no Campus Marques de Paranaguá, Depto. de Matemática.

## Novo Comunitário

Desde o início de abril o CCMFT (Campus Paranaguá) tem novo Vice-Diretor Comunitário. O professor **Silvio Pillon** substituirá o prof. **João Carlos Pettrini**, durante seu período de licença, que vai até 30 de junho.

## CURTAS